

O discurso da Análise do Discurso: quando língua e história se encontram

Gláucia da Silva Henge¹, Rosângela Leffa Behenk²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS- CNPq)

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - CNPq)

ghenge@gmail.com, rosangelaleffa@gmail.com

Resumo. Neste trabalho, sob a perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa, nos propomos a discutir a noção de discurso, compreendendo-a fundamentalmente como objeto teórico, onde a articulação entre o lingüístico e o histórico tece redes de significação, configurando o sentido. É na/pela materialidade lingüístico-histórica que sentidos e sujeitos se constituem, evidenciando o caráter sempre tenso e movente do discurso. Assim, é na relação do sujeito com a exterioridade, mediada por práticas sociais simbólicas, que podemos compreender os processos de significação materializados no discurso. Não há, no entanto, como vislumbrar o processo de configuração de um sentido sem remeter às condições de produção em que veio à tona do interdiscurso, perpassando formações ideológicas e discursivas. Pensar a noção de discurso significa compreender a relação entre língua – sujeito – sentido – história. Diferentemente de outras perspectivas teóricas, a AD toma como determinante para sua análise a materialidade de seu objeto de estudo, sendo esta materialidade, sempre, lingüístico-histórica. Desta forma, em cada prática discursiva, conforme a materialidade específica do objeto discursivo e as condições sócio-históricas em que o discurso é produzido, as relações acima pontuadas são novamente postas em questão, impondo um modo singular de análise. Portanto, é a partir de nosso corpus de análise, composto por charges sobre a temática Informática, que constituímos nosso dispositivo teórico, buscando compreender o funcionamento do discurso de humor pensando-o como espaço que torna visível dois movimentos distintos do sujeito em relação à língua e à história, pelo discurso: (1) movimento de identificação (retorno do já-dito como efeito de literalidade) de um sentido tomado como mais evidente e de um outro sentido também possível, mas que sofre um deslocamento (apontando para o deslize, a falha, o equívoco) e (2) movimento de cicatrização, pelo riso, de um corte na estabilização do sujeito e do sentido, “balanceado” pela possibilidade do não-um dos discursos.

Abstract. At this paper, upon the Discourse Analysis approach (the French line), we propose to discuss the notion of discourse; we fundamentally understand it as a theoretical object, where the articulation between linguistic and historical do nets of signification, configuring the meaning. It is in/by the linguistic-historical materiality that meanings and subjects are constituted, showing the always tense and moving

character of discourse. Thus, it is in respect of subject with exteriority, mediated by symbolical social practices, that we can understand the signification processes materialized at discourse. However, there is not how to face the process of meaning configuration without referring to the “conditions of production” as it came to surface from the interdiscourse, through ideological and discursive formations. Thinking the notion of discourse means understand the relationship among language – subject-meaning-history. Differently of others theoretical perspectives, the AD sees the materiality of its object of study as a determiner to its analyses, being this materiality, always, linguistic-historical. So, at each discursive practice, depending on the specific materiality of the discursive object and the social-historical conditions where the discourse is produced, relations above mentioned are again called into question, imposing a singular way of analysis. Therefore, it is from our corpus of analyses, composed by comic strips about Computers, we constitute our theoretical dispositive, looking for understanding the operation of the comic discourse, facing it as a space that makes visible two distinctive movements of the subject in relation to language and history, by/through the discourse: (1) Movement of identification (returning of already-said as a effect of literality) of a meaning saw as more evident and of another one possible too, but that feels a dislocation (pointing to fault, the misunderstanding) and (2) Movement of cicatrizization, by the laugh, of a cut made at stabilization of subject and meaning, “balanced” by possibility of no-one of discourses.

Palavras-chave: discurso; língua; história.

1. Introdução

A noção de discurso, embora caracterizada por certa polissemia, visto ser objeto de estudo de diferentes perspectivas teóricas, tem sua especificidade delineada na Análise de Discurso a partir da relação entre língua e história, ou seja, trata-se de conjugar a língua com a história na produção de sentidos, constituindo, desse modo, a forma material da AD: a materialidade lingüístico-histórica.

Pensar a língua enquanto forma material pressupõe compreendê-la como opaca, reconhecendo a transparência do sentido como um efeito ideológico. Ao unir o lingüístico à exterioridade, vendo nesta união o lugar do conflito, da tensão entre diferentes redes de significação, a AD procede a de-superficialização dos sentidos, ‘desfaz’ os efeitos da ideologia e observa/analisa os deslizamentos de sentido.

O modo particular como a AD concebe e analisa a construção dos sentidos permite pensar o discurso enquanto fronteira, espaço onde coexistem unidade e polissemia, transparência e opacidade, fechamento e incompletude. Pensar esses limites, ainda que escorregadios, nos mobiliza a delinear algumas questões que nortearam nossa reflexão neste trabalho em que nos propomos a analisar o funcionamento discursivo da charge, buscando compreender a relação entre as materialidades lingüística e imagética na constituição do efeito de humor.

2. A noção de discurso

A noção de discurso, mobilizada pela Análise do Discurso (doravante AD), representou uma mudança de terreno no que se refere aos estudos da linguagem. Ao reunir saberes de três diferentes regiões de conhecimento – Psicanálise, Lingüística e Marxismo – a AD distancia-se do

formalismo e do conteudismo e, trabalhando na confluência dos campos do conhecimento que a constitui, irrompe suas fronteiras, operando um novo recorte teórico que acaba por constituir também um objeto específico: o discurso.

Ainda que a AD reúna noções de diferentes áreas do conhecimento, ela se constitui como uma região específica de conhecimento, instaurada no entremeio dessas outras. Sua especificidade é assegurada, principalmente, porque possui um objeto teórico próprio (o discurso), mas também por definir seus procedimentos analíticos - que atravessam outras áreas, tomando emprestadas, além da noção de discurso, noções como língua, sujeito, história e ideologia e ressignificando-as. Ao repensar tais noções, a AD questiona, na Lingüística, a negação da historicidade inscrita na linguagem, do mesmo modo que interroga as Ciências Sociais com relação à transparência da linguagem sobre a qual estão apoiadas as teorias nessa área. Assim, ainda que outras teorias trabalhem com a noção de discurso, dentro de seus aportes teórico-metodológicos, a AD apropria-se dela, pensando-a não como uma concretude, mas sim, efeito.

Partindo dessa confluência, o discurso se define na/pela determinação da língua pela história, tomadas como materialidades, na qual o sujeito – afetado duplamente - está presente. Assim, analisar um discurso implica em, inicialmente, tomá-lo como objeto teórico, ou seja, como objeto histórico-ideológico, produzido a partir de práticas sociais de linguagem e manifestado em sua forma material “*que é a forma encarnada na história para produzir sentidos*” (Orlandi, 2005: 19), portanto, forma esta ao mesmo tempo lingüística e histórica. Reconhecer que há uma historicidade inscrita na linguagem implica compreender que não existe um sentido literal, já posto, e, ainda, que o sentido não pode ser qualquer um, visto que toda interpretação é regulada por condições de produção específicas. Nesta perspectiva, a linguagem passa a ser concebida como prática social em que a exterioridade lhe é constitutiva, e o sujeito, como “*lugar de significação historicamente constituído*” (Orlandi, 1996: 37).

Pêcheux (1990: 82) definiu o discurso como “efeito de sentidos” entre interlocutores, ou seja, a AD busca trabalhar com os processos de produção do sentido e de suas determinações histórico-sociais. Para isto, é necessário que o analista considere indissociavelmente, o lingüístico; e o aspecto histórico e social, ou seja, o “*objeto da AD vai considerar o funcionamento lingüístico (enquanto ordem interna) e as condições de produção em que ele se realiza (enquanto exterioridade)*” (Ferreira, 1998: 203). Pensar o sentido como movente, em curso e produzido a partir de uma determinação histórica coloca em questão o caráter de resistência da língua, revelador da opacidade que lhe é inerente. Assim, interessa para a AD, “*construir procedimentos que exponham ao olhar do leitor a opacidade do texto e a ação estratégica de um sujeito*” (Pêcheux, 1988, apud Ferreira, 1998: 206) e, neste movimento, é importante compreender a relação entre língua e discurso.

A noção de língua constitui a condição de possibilidade do discurso, pois é “*sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos*” (Pêcheux, 1997: 91). A língua, assim, funciona como pressuposto para a análise da materialidade do discurso. E aqui, interessa estabelecer uma distinção necessária entre ordem e organização. Tal diferenciação coloca a AD distante de uma concepção logicista ou sociologista da linguagem, pois na perspectiva discursiva se reconhece a materialidade da língua e da história. Neste sentido, não interessa a organização da língua, tal como na Lingüística, baseada em regras e classificações, mas sua ordem, a ordem do discurso.

Pêcheux (1990), em sua obra *Estrutura ou Acontecimento*, faz uma crítica forte ao modo como os estruturalistas compreendem e analisam a língua, porque voltados para uma compreensão lógica e unívoca da língua, preocupando-se especialmente em “descrever os arranjos textuais discursivos na sua intrincação material” (p. 44), o que acabava por colocar “em suspenso a produção de interpretações em proveito de uma pura descrição desses arranjos”. Em vez disso, o que se propõe é a aproximação entre as práticas da ‘análise da linguagem ordinária’ e as práticas de ‘leitura’ de arranjos discursivo-textuais, ou seja, trata-se de relacionar o trabalho com a materialidade discursiva a rituais ideológicos. Para isto, é necessário distanciar-se de qualquer ‘ciência régia’, e, portanto, reconhecer que a materialidade lingüística é constituída pelo real, o que aponta para o fato de que a língua é sujeita a equívoco (idem: 30). Conceber a noção de língua como afetada pelo Real, na perspectiva teórica do discurso, significa reconhecer que algo sempre escapa à univocidade, que a língua compreende a ordem do não-todo, ou seja, a impossibilidade de se dizer tudo na língua. O equívoco, assim, é concebido como “fato estrutural implicado pela ordem do simbólico” (idem: 31), como lugar da resistência, e que afeta a regularidade do sistema da língua.

A língua, portanto, é tomada não só como sistema significante material, mas também como materialidade simbólica, ou seja, há uma relação entre duas ordens: a da língua e a da história, o que faz intervir um real da língua e um real da história. Cabe ao analista compreender a relação entre essas duas ordens do real, procurando ultrapassar o “*nível da organização (regra, sistematicidade) para chegar à ordem (funcionamento, falha) da língua e da história (equívoco, interpretação)*” (Orlandi, 1996: 47). É, portanto, partindo do lugar material que o analista compreende o funcionamento discursivo e, nessa perspectiva, vai trabalhar com os gestos de interpretação dos sujeitos – determinados por sua relação com a língua e a história – a fim de compreender como os (efeitos de) sentidos são produzidos.

Para Carolina Rodríguez (1993, apud Ferreira, 2000: 37), “*assim como a organização da língua está determinada pela ordem do discurso, a organização social (classe, divisões...) estaria determinada pela ordem da história (ideologia, discurso...)*”. Isso significa dizer que a materialidade do discurso é a língua, a materialidade da história é o social, e a materialidade da ideologia é o discurso. Partindo dessa relação, e aproximando língua e discurso, organização e ordem, Rodríguez formula a seguinte definição para discurso: “*objeto histórico (ideológico) que se produz/elabora socialmente em/atravs de sua materialidade específica, que é a língua*” (idem: 37-38).

Ao chamar atenção para o fato de que, do ponto de vista da significação, não há relação direta entre o homem e o mundo, Orlandi (1996: 12) ressalta que o discurso é uma das instâncias materiais da relação linguagem/pensamento/mundo, sendo que “*o dizer é aberto. É só por ilusão que se pensa dar a ‘palavra final’*. *O dizer também não tem um começo verificável: o sentido está (sempre) em curso*” (idem: 11). Língua e discurso, então, mantêm uma relação de contradição. Isso porque a língua, na AD, tem uma autonomia relativa, já que “*todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes*” (Pêcheux, 1997: 92), fazendo a língua funcionar diferentemente, produzindo efeitos de sentido diferentes, ou seja, “*as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente, entre si os processos discursivos*” (idem: 93). Isto significa dizer que a língua, enquanto sistema, pode ser indiferente às contradições ideológicas, mas estas não lhe são indiferentes, daí a relação contraditória entre língua e discurso.

Cabe à AD desnaturalizar os sentidos, problematizando-os. E é nesse aspecto que o discurso da AD, aponta para a relação da língua com a história, assim como do sujeito com o sentido. Os sentidos não existem independentes daqueles que os identificam, isto é, “*as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam*” (Pêcheux, Haroche e Henry, 2007: 26).

O sentido não está na unidade isolada, mas sim, na relação dos sujeitos com a história, sendo que o papel da ideologia é determinante na constituição tanto de um (o sentido) quanto de outro (o sujeito). Pêcheux aproxima duas noções importantes: ideologia e inconsciente, e pontua que lhes é comum a capacidade de “*dissimular sua própria existência no interior do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’(...) ‘nas quais se constitui o sujeito’*” (Pêcheux, 1997: 151-2). Segundo o autor, sentido e sujeito são efeitos ideológicos elementares e a constituição de ambos se dá na figura da interpelação. Pela interpelação da ideologia, há o vínculo entre o sujeito de direito e o sujeito ideológico, num teatro da consciência assistido dos bastidores. (Pêcheux, 1997: 154). Assim, é a ideologia que interpela o indivíduo em sujeito, isto é, a evidência do sujeito é um efeito da interpelação bem como a evidência do sentido é também resultante dessa interpelação, pois o sujeito (sempre-já-sujeito) “sabe o que diz” e o “que quer dizer” quando “diz algo”.

Na relação do sujeito com o sentido, há a inscrição da língua na história. A historicidade delimita, ou ainda, as formações discursivas definidas por Courtine (1994 apud FERREIRA, 2005:15) como “*matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito*” em certas condições de produção “*em sentido estrito (circunstâncias de enunciação) e em sentido amplo (contexto sócio-histórico-ideológico)*” (Orlandi, 2005: 30) delimitam os sentidos possíveis. Entretanto, tanto sujeitos quanto sentidos não são estáveis nem tampouco os mesmos, Orlandi (2005: 53) esclarece que “*se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto, escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize, é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras*”.

Na relação entre sujeitos se dão o(s) efeito(s) de sentido, os chamados discursos. Pode-se visualizar que entre um interlocutor e outro há um espaço, um espaço discursivo, estabelecido a partir da interação entre eles. Orlandi (1996: 180) adota a definição pragmática de texto e define-o como “*o lugar, o centro comum que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte, autor e leitor*”. É nesse espaço discursivo que o sentido para um texto vai se instalar: ele não está nem em um, nem no outro, mas sim, no intervalo entre eles.

O texto é a materialidade do discurso. Ou conforme as palavras de Orlandi (2001: 78) “*trata-se do texto como forma material, como textualidade, manifestação material concreta do discurso, sendo este tomado como lugar de observação dos efeitos da inscrição da língua sujeito a equívoco na história*”. Assim, o texto é a correspondência no campo da língua, dos efeitos de sentidos estabelecidos entre a relação daquela com a história. Esta concepção de texto redimensiona-o, pois elucida a impossibilidade da interpretação caso as condições histórico-sociais da produção desse texto sejam desconsideradas. Orlandi (2001: 86) resume essa concepção ao dizer que “*o texto é um objeto lingüístico-histórico*”.

É a partir dessa definição de Orlandi que nos permitimos pensar não só o texto como um objeto lingüístico-histórico, mas também a imagem, encarando-a como materialidade de

discursos, também. Assim como para a palavra, para toda imagem há injunção a interpretar, a significar, a dar sentido a.

3 Imagem e Humor

A Análise de discurso, ao trabalhar com a noção de discurso relacionando-a a língua e à história, deixa entrever que, independentemente da materialidade, todo discurso é determinado por condições sócio-históricas. Sendo assim, a materialidade imagética vai remontar a efeitos igualmente determinados ideologicamente.

É preciso, no entanto, atentar para o fato de que, “*em discurso, distintas materialidades sempre determinam diferenças nos processos de significação*” (Orlandi, 1996:17), fazendo intervir aí o dispositivo teórico do analista a fim de que se compreenda o funcionamento discursivo e os processos de determinação dos sentidos.

Em nosso corpus estão relacionadas duas materialidades: a imagética e a lingüística – que, ligadas à história, constroem a evidência do sentido. Por tratar-se apenas de um efeito de evidência, visto que não há literalidade do sentido, é que o humor emerge do contraste entre os vários sentidos possíveis, de modo que um sentido virá para desconstruir ou desestabilizar um discurso já instituído, tomado como natural. Esse outro sentido que vem para desestabilizar não pode ser qualquer um, pois também está determinado por condições de produção específicas.

Neste sentido, nossa análise tomará as materialidades imagética e lingüística enquanto processos discursivos em sua relação constitutiva, visto que “a materialidade não-verbal, além de significar na ordem do discurso, não significa de forma isolada, mas em relação com todas as outras materialidades simbólicas.” (Simões, 2007: 75). Nessa perspectiva, podemos considerar que o sentido de uma imagem é construído a partir de outras formas de discurso que com ela dialogam. Assim, não apenas o texto verbal deve ser remetido às suas condições de produção para produzir sentido, mas também o texto não-verbal, já que é “na interpretação que vamos perceber a inserção de uma imagem em determinada rede discursiva de saberes, em uma formação discursiva” (ibid: 81).

Em nosso corpus, observamos diferentes funcionamentos discursivos no que se refere à relação entre o lingüístico e o imagético na produção do humor. De acordo com Souza (2001: 70), compreender os modos de significação da imagem implica a compreensão de “como ela se constitui em discurso”, bem como de sua utilização “para sustentar discursos produzidos em textos verbais”. Partindo dessa reflexão, identificamos dois modos de funcionamento da imagem nas charges que ora analisamos: a) a imagem parece funcionar como uma espécie de ‘cenário’ para o enunciado, como se o representasse; b) a imagem preenche lacunas deixadas pelo enunciado.

No primeiro caso, a imagem reforça os sentidos presentes na materialidade lingüística e não se constitui como elemento indispensável ao efeito de humor, pois, nas charges caracterizadas por este funcionamento, o efeito de humor acontece na língua (em sua relação com a história), de modo que, mesmo eliminando as imagens, tal efeito se mantém. A imagem, assim, cria um efeito de transparência do sentido, como se traduzisse os sentidos materializados no enunciado, buscando sustentá-los, reproduzi-los. Já no segundo modo de funcionamento desses discursos, embora a imagem mantenha-se (dadas as condições de produção) também vinculada a mesma rede de significação expressa no enunciado, ela preenche espaços abertos

pelo enunciado, de modo que o efeito de humor resulta dessa relação, desse imbricamento entre as duas materialidades: lingüística e imagética.

Em ambos os casos, a imagem se constitui como discurso, mas, enquanto no primeiro ela se coloca como justaposta ao enunciado e como mera reprodução (sendo-lhe, ainda assim, constitutiva), no segundo, ela constitui junto com o enunciado o efeito de humor, numa relação de imbricamento.

Pêcheux (1999: 55), ao tratar a questão da imagem, destaca a opacidade que a constitui: “*não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura.*” Neste sentido, reafirmamos que a imagem precisa ser analisada em sua relação com a história, no curso dos sentidos. Interessa, portanto, analisar a imagem não a partir dos elementos que a constituem, mas compreender como se estabelecem os efeitos de sentidos provocados por esses elementos, ou seja, trata-se de compreender a imagem como um movimento de interpretação que se inscreve na história.

Em nosso corpus, as diferentes materialidades significantes relacionam-se entre si produzindo o humor – aspecto característico das charges. Para Gadet e Pêcheux (1981, apud Machado, 2000: 49), o mecanismo de funcionamento do humor

opera quase sempre na base da violação de um saber, de uma crença, de certos preceitos. Dessa forma, podemos entender o riso como consequência da percepção de um estranhamento, desencadeado pela violação de um saber lingüístico caracterizado por seu aspecto bizarro e incongruente.

O riso, assim, é resultado do embate entre diferentes sentidos, instituídos historicamente. Compreender as condições de produção das redes de significação colocadas em jogo pela materialidade significativa que analisamos, nos permite compreender o funcionamento discursivo do humor, bem como a relação entre os sentidos que emergem nas charges, provocando certo ‘estranhamento’ que, por sua vez, acaba por gerar o humor.

Freud, em seus escritos, ao analisar o cômico a partir dos chistes, aponta para importância da forma, pontuando que “*um chiste não é nada que resida no pensamento, devemos procurá-lo na forma, na verbalização que o exprime*” (1996: 26). Já Pêcheux (2006: 53) pontua que a língua deve ser compreendida em sua complexidade, ou seja, considerando-se todas as suas nuances e diferenças, sem descartar, como os estruturalistas, a poesia e o humor por estes serem o “domingo do pensamento”.

Ao focar a ironia, Machado sintetiza, de certo modo, o funcionamento do humor reconhecendo que se “*instaura um funcionamento de linguagem que aponta para o equívoco e atesta a não-transparência do sujeito e do sentido*” (2000: 36). Destacamos, no entanto, que tal funcionamento é característico de toda materialidade discursiva, pois ao tomarmos a língua como não transparente e sujeita a equívoco, reconhecemos sua opacidade e, portanto, a possibilidade de que “*todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação*” (Pêcheux, 2006:53). Nossa proposta é que o humor tem como funcionamento particular a “visibilidade” ao sujeito da identificação de alguns pontos de deriva que entrelaçam sentidos outros, trazendo-os ao sentido um. Em nosso corpus, essa deriva é verificada através do dispositivo teórico-analítico que construímos, e o humor emerge desses pontos de deriva, não podendo ser todos ou qualquer um.

4. Computador e discurso

O corpus dessa reflexão encontra-se disponível em um website voltado a usuários de internet e microcomputadores em geral e traz conteúdos voltados aos aspectos técnico-operacionais de sistemas e softwares. É dentro desta “página para interessados ou especialistas” em internet que há um espaço denominado “piadas”, no qual estão disponíveis charges sobre o uso de computadores e a informática. Isto aponta para o que vínhamos pontuando acima: todo sentido pode derivar e tornar-se outro, assim como o próprio uso e interesse por questões técnicas também deriva e agrega em si, a possibilidade do outro, do *não-um* evocado no humor.

Como condições de produção (CPs), que nos são contemporâneas, temos um página digital. Nessas CPs pode-se identificar uma visão positiva da informática e do uso da internet enquanto grande possibilidade de liberdade de escolha e acesso infinito à informação.

Fruto do sistema de produção capitalista, o jugo do capital financeiro rege o acesso, a utilização e a (re) produção da internet. Daí se poder falar em “exclusão digital”, uma vez que a internet não atinge a todos da mesma forma e intensidade na mesma formação social. As condições reais de existência são, portanto, correspondentes ao Capitalismo e é sob as suas determinações que podemos identificar que há uma formação ideológica (FI) da Tecnologia que agrega várias formações discursivas (FDs) e que vai reger a produção e circulação dos saberes entre elas. Dentro desta **FI da Tecnologia** destaca-se, entre as formações discursivas existentes, a **FD da Informática** como dominante. É nessa/dessa que são contemplados os saberes em torno das noções de rapidez, mobilidade, modernidade, além das relações entre homem/máquina e entre homem/homem.

Todas as charges têm seu sentido mais evidente (natural) configurado na FD da Informática. É nela que já-ditos vindos do interdiscurso, pela memória, são historicizados e materializados na língua e na imagem. O discurso de/sobre informática surge no processo em que os sentidos tomados como evidentes para ‘computador’, ‘senha’, ‘mouse’ vão apontar para uma determinada rede discursiva que os toma como obviedades. Uma vez que toda FD é heterogênea, podemos dizer que os saberes por ela abarcados não lhe são exclusivos, e é exatamente por isto que, como ocorre em nosso corpus, há dizeres de outras FDs constituindo-a, perpassando-a.

Vejamos as seguintes charges:



Você tem que abrir o seu e-mail com mais frequência...
Já despedi você há mais de 2 semanas!...



Ontem, eu e o Marcelo ficamos muito mais íntimos!
Mais do que trocar chaves de apartamento, trocamos
nossas senhas de internet!!!

Nestas duas charges, ou piadas (como são denominadas no site de onde foram retiradas), temos uma outra formação discursiva cujos saberes “atravessam a FD Informática”, a identificamos como **FD da ‘Interpessoalidade’**. Nelas, a materialidade lingüística aponta para um outro sentido instaurado historicamente pelas relações interpessoais que dialoga com sentidos

naturalizados pela FD da Informática, como na primeira charge onde ser demitido por e-mail evidencia a substituição da relação direta entre as pessoas pela intermediação da máquina. Já na segunda, a intimidade passa a significar trocar senhas de acesso, reafirmando que a virtualidade proporcionada pela máquina sobrepõe-se à concretude do contato humano. Assim, a intimidade e o vínculo entre as pessoas – saberes característicos da FD da interpessoalidade – ao serem absorvidos pela FD da Informática, retornam para sua FD de origem, ressignificados. Esse retorno provoca o efeito de humor naqueles que, também imersos e determinados por tais FDs, identificam pelo equívoco da língua, a frieza e a mecanização das relações atuais.

É importante notar que, nessas charges, a materialidade imagética apenas reforça os sentidos estabilizados na FD Interpessoalidade.

Passemos a outra charge:



Nesta charge, a **FD da Religião** está presente, resgatada pela imagem de anjos (ou santos) sobre uma nuvem. Emerge dessa imagem o discurso da vida após a morte da FD da Religião. Tal imagem traz à tona o saber religioso da prestação de contas dos pecados e boas ações praticados durante a vida terrena como determinante de sua permanência no céu ou no inferno. A materialidade lingüística absorve esse saber, modificando-o, pois, nas atuais condições de produção, a prestação de contas está ligada ao tempo gasto no descarte de e-mails indesejados, o que passa a significar mau aproveitamento do tempo num contexto em que o tempo deve ser otimizado ao extremo.

Observemos as duas próximas:



Nas charges acima, temos a **FD da História** (tomamos História aqui como conjunto de fatos e hábitos marcados no tempo de uma sociedade, resgatáveis semanticamente) trazendo saberes para a FD da Informática. Numa, o sentido de ‘computador’ e ‘mouse’ – enquanto materialidade lingüística - são desestabilizados pela materialidade imagética, uma vez que é da FD da História que emergem um ‘ábaco’ e um animal ‘rato’, instaurando, assim, seus sentidos. A imagem é fundamental, nesse caso, para o contraste espaço-temporal necessário ao movimento discursivo.

O humor da charge surge da relação entre duas temporalidades: uma passada que traz uma máquina medieval de calcular, e outra na temporalidade atual que traz o computador. O humor, então, emerge desse movimento de contraste entre temporalidades distintas que remetem a condições de produção igualmente distintas.

A comunicação sem fio aponta para o não-dito ‘pedra’ instaurado pela imagem. Assim, o humor emerge da proximidade entre dois modos de “comunicar” tão distintos, e que evidencia a supervalorização de hoje à mobilidade, como sendo um marco da tecnologia e da modernidade, e por isso mesmo, tão almejada.

Fiquemos com esta última charge:



Nesta charge há, assim como nas duas que a antecederam nesta análise, diferentes temporalidades, não mais de distinção secular, mas sim de uma geração para outra. A surpresa do menino expressa por “cara, que doido!!!” e, em seguida, pelo seu assombro em identificar uma simultaneidade entre “digitar” e “imprimir” naturaliza os sentidos da FD dominante: “computador” e “impressora”. A imagem, porém, ao trazer uma máquina de escrever (que o leitor significa como tal a partir das suas condições de produção de leitura) é que produz o humor no estranhamento da criança. Ela significa aquele objeto a partir das CPs em que está inscrita (FD dominante – FD Informática). Esse estranhamento aponta para um apagamento e reformulação dos saberes da outra FD (FD da História). Na percepção dessa descontinuidade temporal, ratificada na fala da criança, é que se constrói o humor.

Nessa relação de saberes, ditos são mobilizados e apontam para não-ditos presentes na FD dominante ou em outras. Assim, o saber *mobilidade* aponta para a não-mobilidade, interpretável pela imagem da pedra, ou ainda, o saber *modernidade* resgata aquilo que é tomado como ultrapassado na imagem do ábaco e da máquina de escrever.

Considerações Finais

Como visto, o discurso é sempre efeito de sentidos entre os sujeitos envolvidos, sob condições de produção específicas. Assim, não há sentido dado *a priori*, mas sim, um construto da relação na língua e na imagem da historicidade e do sujeito.

O humor, por sua vez, é fruto da relação da língua com a história, quando, dessa relação, emergem contrastes, contradições, dores ou incômodos, que só são perceptíveis se os contextos (estrito e amplo) fizerem parte da análise da piada ou charge. Assim, compreendemos que o funcionamento do discurso de humor, permite tomá-lo como um espaço (ou ponto de deriva) que torna visível dois movimentos distintos do sujeito em relação à língua e à história, pelo discurso:

(1) O movimento de identificação (retorno do já-dito como efeito de literalidade) de um sentido tomado como mais evidente e de um outro sentido também possível, mas que sofre um deslocamento (apontando para o deslize, a falha, o equívoco); como vimos nas charges que traziam os sentidos postos como naturais e evidentes na formação discursiva da informática. E,

(2) O movimento de cicatrização, pelo riso, de um corte na estabilização do sujeito e do sentido, “balançado” pela possibilidade do não-um dos discursos, movimento este percebido pela entrada de outros saberes provenientes de outras FDs e que balançavam a “positividade” dos sentidos da FD da informática, além de apontarem para sentidos outros possíveis sob as mesmas condições de produção.

Computadores... Relações humanas... Evolução tecnológica... enfim, discursos.

Discursos onde língua e história se encontram.

Referências Bibliográficas

CHARGES. Disponível em <<http://www.boadica.com.br/iniciohumor.asp>> Acessado em 18/06/08.

FERREIRA, M. Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

_____. (org.). *Glossário de Termos do Discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2005.

_____. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni P (org.). *A Leitura e os Leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. *O funcionamento discursivo de charges políticas*. Pelotas, 2000. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6ªed. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. *Discurso e Texto*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. (1975) *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Trad. Eni P. de Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. *Papel da Memória*. In: ACHARD, Pierre [et. al]. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel; HAROCHE, Claudine & HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. Págs. 13-31.

SIMÕES, Priscila Rodrigues. *A noção de trabalho representada pela imagem e interpretada pela palavra*. Porto Alegre, 2007. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

SOUZA, Tânia C. Clemente de. *A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação*. In: *Rua*, n. 7. Campinas, 2001.